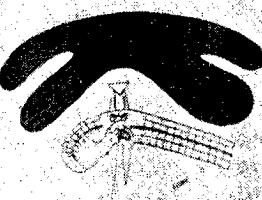


Cuidado: Brasília vai feder de novo

Em novembro de 1978, mais exatamente no dia 20, Brasília inteira estava com o dedo no nariz perguntando: "O lago apodreceu?". Ninguém sabia realmente o que estava acontecendo, mas era um mau cheiro tão grande, principalmente nas proximidades da ponte Costa e Silva, no Lago Sul, que algumas pessoas pensaram até que fosse algum cadáver em putrefação. O restaurante Gaf, no Centro Comercial Gilberto Salomão, foi obrigado a fechar as portas porque ninguém conseguia ficar no local. A noite, quando o odor aumentava, os moradores do Lago não conseguiam dormir, tinham ânsias de vômito e alguns tiveram que deixar suas casas por alguns dias.

Brasília fede. Essa era a manchete que o CORREIO BRAZILIENSE estampou na primeira página do dia 23 de novembro de 1978, e que poderá ser repetida dentro de alguns meses, como alertou, anteontem, o superintendente da Caesb, João Carlos de Siqueira Filho. Mas, dessa vez, o brasiliense terá mesmo que apertar o dedo no nariz, porque, levando-se em conta que de 1978 até agora, praticamente nada foi feito para conter a poluição do lago — que só tem agravado —, o mau cheiro irá deixar Brasília inabitável.

O lago Paranoá nunca deixou de despender mau cheiro e causar incômodo aos habitantes de áreas mais próximas; mas naquele ano atingiu grau insuportável, que o próprio governador Elmo Farias resolveu dar uma explicação oficial para o problema. Ele atribuiu o fenômeno à estiagem que fez o lago baixar muito

CORREIO BRAZILIENSE
Diretor: Deonilson Andrade. Largo 1.104, Hasteira José da Costa, Brasília, 1990. Assin. Charqueuband
Número 2.000. Pág. 20. 20.000 exemplares de 1978. ISSN 0100-2120. Periodicals postage paid at Washington, D.C.

**BRASÍLIA
FEDE**
A cidade está com o dedo no nariz, perguntando: "O lago apodreceu?". O certo é que o mau cheiro
do Paranoá ultrapassou as suas margens, atingindo até mesmo quadras centrais do Plano Piloto.
O comércio protesta, a agricultura observa com saudade o lago de Brasília prepara-se para explicar, mas só existe uma verdade.
A explicação oficial para o problema foi dada pelo próprio Governador Elmo Farias. Ele atribuiu a estiagem, que fez o lago baixar muito de nível, mas disse que a Caesb continuaria a aplicar medidas de emergência para controlar o efluente (Página 12).

Pacote prepara a cama

Em amanhecer de ontem

A manchete de 23/11/78 dizia apenas a mal-cheirosa verdade

de nível, deixando nas margens grande quantidade de resíduos que ali são jogados. Mas também tranquilizou a população garantindo que a Caesb já estava despejando elementos químicos no lago para eliminar aquela terrível poluição que estava ferindo as narinas do brasiliense.

E o cheiro na época era tão penetrante que ultrapassava o Paranoá, atingindo até mesmo quadras centrais do Plano Piloto. Também fez o embaixador Celso Machado passar pelo constrangimento de ter que explicar para um grupo de visitantes de Brasília que se tratava de um acidente no interceptor — que na época nem estava construído —, pois não havia outra saída diplomática.

Para a Caesb, a explicação do mau cheiro em 1978 era a mesma de agora, ou seja, falta de recur-

sos. O superintendente à época, Francisco Baptista Salles, explicava que o problema era complexo e exigia recursos para uma solução a longo prazo. Garantia também que o problema poderia ser contornado pela Caesb se a Estação de Tratamento de Esgotos Sul tivesse condições de fazer o tratamento terciário de esgotos, como já vinha sendo processado na Estação de Tratamento de Esgotos Norte. Acontece que, de 1978 até agora, a Caesb continuou operando com apenas essas duas estações, já há muito totalmente saturadas em sua capacidade e sem recursos para a conclusão de outras duas novas, em construção. Enquanto isso, as medidas visando conter a poluição do lago continuam sendo paliativas, o que faz prever a repetição, em dose dupla, do que ocorreu em 1978.

O governador José Ornella viajou ontem para o Rio de Janeiro onde, acompanhado do superintendente da Caesb, João Carlos de Siqueira Filho, teve uma audiência com o presidente do BNH, Nelson da Matta. A pauta não foi divulgada pelo Palácio do Buriti, mas um dos assuntos tratados foi a liberação de verbas para o controle da poluição do Lago Paranoá. Caso não haja uma solução imediata, o brasiliense poderá sofrer com o mau cheiro do lago, principalmente na época da seca, porque a Caesb admite que pode perder o domínio da situação, pois vem fazendo apenas um tratamento paliativo.

A poluição do lago Paranoá está preocupando o brasiliense que teme a época da seca, quando o mau cheiro atinge diversas quadras da cidade. Hoje, o tratamento feito à base de aplicações diárias de sulfatos de cobre e alumínio não vem surtindo os efeitos desejados. Segundo o superintendente da Caesb, João Carlos de Siqueira Filho, a solução só virá através de um programa de investimentos envolvendo Cr\$ 50 bilhões até o final deste ano, mas esse projeto deveria ter começado em novembro de 83. O próprio João Carlos disse temer a perda do controle físico da situação.

AJUDA

Enquanto a verba não vem, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte está prestando uma pré-proposta para participar do esforço do GDF para despoluir o lago do Paranoá. A proposta, segundo o superintendente da Fundação Norte-rio-grandense de Pesquisas e Cultura, ligada à UFRN, Aluísio Machado, consiste basicamente no povoamento do lago com algas microscópicas, tilápias e camarão de água doce, todos com a capacidade de absorver os corpos poluentes de água doce.